

ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS EM UM TEXTO DA REVISTA *VEJA* E UM DA REVISTA *EDUCAÇÃO*

Patrícia Mara de Carvalho Costa LEITE¹
Universidade Federal de São João del-Rei
titamaracarvalho@gmail.com

Resumo: O objetivo do presente artigo é identificar e comparar os argumentos encontrados nos textos *Yes, nós somos bilíngues* publicado pela revista *Veja* no dia 22 de agosto de 2007 e *Dois idiomas, uma criança* da revista *Educação* de junho de 2011, a fim de reconhecermos a natureza de tais argumentos. Serão analisados os procedimentos discursivos da encenação argumentativa que se configuram no interior do modo de organização argumentativo do discurso tomando por base teórica os estudos de Charaudeau (2009).

Palavras-chave: escolas bilíngues; procedimentos discursivos; modo argumentativo.

1- Introdução

A globalização e a intensa internacionalização dos mercados elevaram a língua inglesa a um *status* de língua oficial quando se trata de negócios (ROCHA, 2008). Por conseguinte, saber tal idioma passou a ser atrelado a vários valores, tais como: o sucesso na carreira, o destaque pessoal, a satisfação de necessidades pessoais como revelam os estudos de publicidade de escolas de idiomas realizados por Carmagnani (1996, 2001, 2008).

A declaração de Ventura (1989) do final dos anos 80 já oferece uma amostra das proporções que o uso da língua inglesa vinha tomando no mundo, Segundo ele, “é uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras está na metade dos 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e no jargão de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade” (1989, p. 36).

A exploração da mídia acerca do conhecimento da língua inglesa tornou-se cada vez mais acentuada através da veiculação de textos diversos que preconizam a obrigatoriedade de se aprender o inglês (CAMARGO, 2009), a dominação da língua inglesa (MORAES, 2009), a facilidade e essencialidade da criança aprender o idioma (ANTUNES & TODESCHINI, 2007), só para mencionar alguns exemplos atuais.

De acordo com Charaudeau (2010, p.19), a mídia é um dos principais mecanismos discursivos da sociedade atual uma vez que atinge um “número planetário” de pessoas e, assim, distribui simplificações, clichês que não transmitem exatamente o que acontece na realidade. A mídia constitui-se em um importante material de pesquisa, uma vez que a língua é opaca e só através de estudos é que se pode atingir a compreensão da totalidade significativa ou de todos os percursos de sentido produzidos por meio dela (GREGOLIN, 2007).

Através da análise da mídia pode-se oferecer uma ampla gama de informações aos leitores da revista que interagem com ela, uma vez que são influenciados pela mídia e ao mesmo tempo a influenciam. A finalidade seria oferecer-lhes uma compreensão mais ampla da cultura educacional representada na revista, bem como, mostrar o que foi silenciado pelos jornalistas e é digno de conhecimento.

Pretendemos, assim, comparar dois textos de revista, cujo tema é o bilinguismo, com ênfase na língua inglesa. O primeiro foi veiculado pela revista *Veja* no dia 22 de agosto de

¹ Mestranda em Letras, área de Discurso e Representação social. Orientada pela professora Dylia Lysardo-Dias, a quem agradece as sugestões.

2007 e intitula-se *Yes, nós somos bilíngues*, editado na seção Educação da revista². O outro texto, *Dois idiomas, uma criança*, foi publicado pela revista *Educação* de junho de 2011³. Ambos os textos, ao abordarem a questão da alfabetização de crianças em dois idiomas, fazem um apanhado das vantagens e possíveis percalços em ser alfabetizado em uma escola bilíngue.

A revista *Veja*, que está no mercado há mais de 40 anos, é o semanário de maior circulação no país e ainda, a terceira revista mais lida no mundo, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVI)⁴. A revista *Educação* foi criada em maio de 1997 e já recebeu nove prêmios importantes do segmento de publicações da área educacional. Como exemplo temos o XXI Prêmio de Direitos Humanos de Jornalismo (concedido pela OAB/RS e Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, em 2004)⁵.

A escolha deste tipo de artigo deve-se ao fato dos aspectos da globalização, bem como da internacionalização do mercado de trabalho, terem elevado o saber de um segundo idioma, principalmente a língua inglesa, ao caráter de **necessidade** a quem almeja o sucesso profissional. Em outras palavras, “já faz parte da memória discursiva do brasileiro (...) a de que não conseguirá modificar a posição que ocupa caso não aprenda inglês” (CARMAGNANI, 2001, p. 120).

O objetivo do presente artigo é identificar e comparar os argumentos encontrados nos textos *Yes, nós somos bilíngues* publicado pela revista *Veja* no dia 22 de agosto de 2007 e *Dois idiomas, uma criança* da revista *Educação* de junho de 2011, a fim de reconhecermos a natureza de tais argumentos. Serão analisados os procedimentos discursivos da encenação argumentativa que se configuram no interior do modo de organização argumentativo do discurso tomando por base teórica os estudos de Charaudeau (2009).

2- Fundamentação teórica

Para Charaudeau (1996), a argumentação é um meio pelo qual se pode ganhar a adesão de um auditório com um enunciado. Para que haja argumentação, segundo Charaudeau (2009), devem existir: uma proposta sobre o mundo (tese), um sujeito argumentante e um sujeito-alvo, os três elementos compõem o dispositivo argumentativo. A proposta sobre o mundo conduz a um questionamento acerca de sua legitimidade; quem toma posse de tal questionamento é o sujeito argumentante, que, por sua vez, tenta estabelecer a verdade sobre a proposta através de um raciocínio; o sujeito-alvo “trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a *compartilhar* da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a *favor*) ou refutar (ficar *contra*) a argumentação” (CHARAUDEAU, *Ibid*, itálico do autor).

A figura abaixo apresenta a relação triangular entre os elementos da cena enunciativa (*Ibid*, p. 205):

² O texto integral pode ser encontrado no site www.veja.com.br, conforme referências bibliográficas.

³ O texto integral pode ser encontrado no site <http://revistaeducacao.uol.com.br/formacao-docente/170/artigo234962-1.asp> conforme referências bibliográficas.

⁴ O IVI é uma entidade oficial brasileira cuja responsabilidade é fazer a auditoria dos principais jornais e revistas do Brasil. Foi fundado em 1961.

⁵ Dados do site http://revistaeducacao.uol.com.br/revista_desc.asp.



Figura 1 – Elementos da cena argumentativa e suas relações

Ao argumentar, o sujeito argumentante busca a racionalidade, bem como a influência. A busca da racionalidade, de acordo com Charaudeau (Ibid.), volta-se a um ideal de verdade que depende das experiências individuais e sociais do sujeito, partilhadas por um grupo. A busca da influência, por conseguinte, revela um ideal de persuasão uma vez que a concepção do que é verdade depende da interação com os membros de um grupo específico. Então, é necessário assegurar a eficiência dos argumentos para que o sujeito-alvo adote as mesmas propostas do sujeito argumentante.

Desse modo, a persuasão “coloca em evidência um *quadro de raciocínio persuasivo* que é destinado a desenvolver uma das opções do quadro de questionamento: *refutação, justificativa, ponderação*”, postula Charaudeau (2009, p.224, itálico do autor). O sujeito desenvolve a **controvérsia** neste quadro, recorrendo a procedimentos semânticos, discursivos e de composição para **provar** a posição adotada na proposição, procedimentos estes que irão validar uma argumentação. A persuasão está dependente, pois, do sujeito argumentante na interação com o sujeito-alvo, já que eles se ligam por um contrato de comunicação.

A encenação argumentativa “consiste, para o sujeito que quer argumentar, em utilizar procedimentos que, com base nos diversos componentes do modo de organização argumentativo, devem servir a seu propósito de comunicação em função da situação e da maneira pela qual percebe seu interlocutor (ou seu destinatário)” (CHARAUDEAU, Ibid., p.231).

Os procedimentos semânticos tomam o valor dos argumentos como base e são compostos por cinco domínios de avaliação e respectivos valores: de verdade, ético, estético, hedônico e pragmático. Já os procedimentos de composição, segundo Charaudeau (Ibid, p.244), “consistem em repartir, distribuir, hierarquizar os elementos do processo argumentativo ao longo do texto, de modo a facilitar a localização das diferentes articulações de raciocínio (linear), ou a compreensão das conclusões da argumentação (classificatória)”.

A utilização dos procedimentos discursivos, por sua vez, pressupõe o uso de determinadas categorias da língua ou os procedimentos de outros modos de organização do discurso (definição, comparação, descrição narrativa, citação, acumulação e o questionamento) para culminar na produção de efeitos de persuasão.

A definição pertence ao modo de organização descritivo, sua validade argumentativa advém do fato de não se poder questioná-la, pois ela é consensual, sendo um saber popular, ou científico e produzindo assim, “um *efeito de evidência de saber* para o sujeito que argumenta” (CHARAUDEAU, 2009, p. 236, itálico do autor). Pode-se definir um ser ou um comportamento. A comparação, por sua vez, é usada, segundo Charaudeau (Ibid., p. 237, itálico do autor), “para reforçar a prova de uma conclusão ou de um julgamento, produzindo um *efeito pedagógico* quando a comparação é *objetiva*; ou um *efeito de ofuscamento* quando a

comparação é *subjetiva*.” Charaudeau (Ibid., itálico do autor) aponta a comparação por *semelhança* ou *dessemelhança* e também as *objetiva* e *subjetiva*. Há também várias marcas gramaticais e lexicais da comparação, por exemplo: como, assim, parecer, corresponder.

“A citação consiste em referir-se, o mais fielmente possível, (ou pelo menos dando uma impressão de exatidão) às emissões escritas ou orais de um outro locutor, diferente daquele que cita, para produzir na argumentação um efeito de autenticidade” (CHARAUDEAU, Ibid., p. 240). É um atestado de verdade, testemunho do que é dito (é uma forma de prova), do que é experimentado (cita-se uma testemunha que viu ou ouviu algo) e conhecido (relata-se uma proposta científica ou vem de uma autoridade). Na tentativa de garantir a credibilidade da informação transmitida, o jornalista utiliza e valida a citação como estratégia discursiva de autenticação de seu discurso.

A descrição narrativa é semelhante à comparação, em que se pode descrever um fato ou contar uma história para produzir ou reforçar uma prova. “*Um efeito de exemplificação*” pode também ser produzido segundo Charaudeau (Ibid., p. 239, itálico do autor). A acumulação ou reiteração faz uso de muitos argumentos, justificativas para servir a uma mesma asserção. Pode ser feita através de uma simples acumulação, uma gradação, uma falsa tautologia. Isto é há, “de alguma forma, uma recusa em argumentar, pois o que se faz, no caso, é impor uma evidência ou uma autenticidade que tem valor de verdade” (Ibid., p. 242). Enfim, o questionamento é formulado em torno de uma tese sobre o mundo. Pode visar a incitar um fazer, a propor uma escolha, a verificar um saber, a provocar ou a denegar.

3- Análise do texto

O título do texto 1, *Yes, nós somos bilíngues*, nos permite vislumbrar uma determinada tomada de posição por parte dos enunciadores: o apoio à matrícula na escola bilíngue. A tomada de posição é mostrada na celebração do bilinguismo em *Yes, nós somos bilíngues* já que um dos usos da palavra *Yes*, segundo o dicionário Oxford (TEMPLE, 2007), é “expressar grande prazer ou excitação” (tradução nossa). Quem é bilíngue deve se sentir satisfeito por isso. Parece haver, então, uma atitude excludente no sentido de que só os falantes de um segundo idioma podem celebrar seu conhecimento. *Yes, nós somos bilíngues* (grifo nosso), ou seja, para se fazer parte do **nós**, deve-se obrigatoriamente saber outra língua. Atitude complementada pelo fato do texto ser composto por seis parágrafos, dos quais apenas dois (Anexo 1) mostram possíveis percalços de uma formação bilíngue ou trilingue, seguido por ressalvas dos especialistas apresentadas no quadro “Mais cedo, melhor”, encontrado no final da reportagem da revista.⁶

O subtítulo do texto 1- “Alfabetizar as crianças em dois idiomas é uma opção que causa ansiedade aos pais. A boa notícia é que começar cedo é o melhor” também mostra a posição dos jornalistas-autores em relação às escolas bilíngues. O possível problema (como vai ocorrer a alfabetização) é apresentado, mas a solução é dada instantaneamente, matricular as crianças em escolas bilíngues é a escolha certa.

O título do texto 2, por sua vez, sugere uma correspondência diferenciada: dois idiomas, no entanto, uma só criança, já que se atribui a uma só criança a competência de dois idiomas. Como se houvesse um questionamento de como isso seria possível, uma vez que a autora discorre sobre as diferentes escolas bilíngues, os diversos meios de se alfabetizar em uma escola bilíngue pautada na fala dos especialistas mostrando que é possível uma criança saber dois idiomas, mas que ao mesmo tempo, deve ser uma decisão bem pensada.

Já no tocante ao subtítulo, “Estudos apontam que alunos bilíngues apresentam ganhos cognitivos, mas o diálogo entre as línguas ainda é delicado na alfabetização”, há

⁶ Informações retiradas do artigo “*Yes, Nós Somos Bilíngues*”, Heterogeneidades e Representações em um texto da Revista *Veja* escrito pela mesma autora do presente artigo, conforme referências bibliográficas.

ressalvas, que aparecem no uso da conjunção adversativa “mas”, crianças bilíngues têm vantagens sobre as monolíngues, porém há ressalvas. A autora já conscientiza o interlocutor para o fato de ser uma escolha que pode gerar ganhos, porém que deve ser bem planejada e embasada em conhecimento acerca da escola, do método, dos professores como pontuado no texto.

Em ambos os textos, os títulos já trazem a questão do bilinguismo (a palavra *Yes* e a palavra bilíngue, do texto 1) e da dualidade (dois idiomas, no texto 2), sendo que a tomada de posição dos enunciadores pode ser sentida tanto no título quanto no subtítulo.

Sem a pretensão de analisarmos o icônico de modo exaustivo, cabe salientarmos que os dois textos trazem figuras de escolas bilíngües. No texto 1, três das quatro figuras mostram alunos em salas de aula de escolas bilíngues e o texto 2 traz somente uma figura que mostra o pátio de uma escola bilíngue, sugerindo a tentativa dos autores de retratarem o universo desconhecido, posto que diferente das escolas bilíngues. No texto 1, as figuras mostram alunos sentados no chão, aprendendo através do lúdico, há poucos alunos na sala (as figuras retratam sala de seis a quatorze alunos). No texto 2, a única figura mostra crianças brincando no que parece ser o intervalo das aulas e há uma placa em inglês em uma árvore, sugerindo que o idioma estrangeiro está inserido até na hora de relaxar. Por sua vez, as figuras dos artigos em questão tendem a aguçar a curiosidade de pais e possíveis alunos, já que podem despertar a vontade de conhecer e fazer parte do mundo **divertido**, único da escola bilíngue. Mas quais categorias da língua são usadas para conferir veracidade aos argumentos?

4.1- Procedimentos discursivos

Os enunciados do texto 1, *Yes, nós somos bilíngues*, serão todos os E1. Ao passo que os enunciados do texto 2, *Dois idiomas, uma criança*, serão todos os E2. Todos os enunciados serão diferenciados por letras (E1a, E1b...).

4.11- A definição

Destacaremos o uso da definição em alguns momentos dos textos.

E1a: A escolha do inglês como segundo idioma é avassaladora e chega a 90%.
--

Apesar de haver no Brasil escolas bilíngues cujo segundo idioma não é o inglês, ele é privilegiado desde o título do texto *Yes, nós somos bilíngues* e a justificativa para isso vem no E1a. Isso acontece também no texto 2, cuja autora escolhe uma figura que mostra uma escola cuja segunda língua é o inglês (*Escola Stance Dual*, segundo a legenda da figura), inclusive há uma placa em inglês em primeiro plano na figura. Adicionado a isso, o primeiro parágrafo do texto 2 traz um diálogo em inglês.

Os autores do texto 1 definem o tipo de inglês dos adultos, inclusive dos pais e o inglês da criança bilíngue.

Inglês dos adultos	Inglês das crianças de escolas bilíngues
a. básico	a. natural
b. elementar	b. eficiente
c. mais carregado	c. perfeito
d. imperfeito	d. fluente
e. trabalhoso/ árduo de se dominar	e. sem sotaque
	f. fácil de se dominar
	g. afiado

Os autores utilizam tais definições baseadas ora em testemunhos de pais que têm crianças matriculadas em escolas bilíngues, ora de especialistas no assunto que produzem efeitos de evidência e de um saber, a fim de não oferecerem margens para a refutação da tese: matricule seu filho em escolas bilíngues o mais cedo possível.

No texto 2, por sua vez, a autora define todas as pessoas, através de títulos e da instituição a que pertence (E2a, por exemplo), e institutos citados, bem como certos conceitos acerca do ensino bilíngue (como no E2b).

E2a: A psicóloga Elizabete Flory, doutora em bilinguismo pelo instituto de Psicologia da USP, fez um levantamento de pesquisas no mundo todo sobre educação bilíngüe e constatou que esses alunos apresentam vantagens cognitivas (...). Não dá para falar que ele aumenta a inteligência. Mas crescer falando duas línguas pode ter influências positivas em alguns aspectos da inteligência, frisa.

E2b: Elizabete explica que há três tipos de alfabetização: a sequencial materna-segunda língua, a sequencial na segunda língua seguida da materna e a simultânea, na qual ambos os idiomas são ensinados.

Há uma preocupação em se credenciar os sujeitos que a autora deixa falar em seu texto. “O valor de autoridade ligado a toda enunciação (“é verdade, porque eu digo”) é geralmente insuficiente e cada formação discursiva deve apelar à autoridade pertinente, considerando sua posição” (MAINGUENEAU, 1997, p.86). A autora usa o conhecimento de profissionais para construir seu texto, distanciando-se do que é falado, à medida que cita “(...) ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a “autoridade” que protege a asserção” (MAINGUENEAU, Ibid.). A autora escolhe as falas que retratam o seu modo de pensar, mas ao mesmo tempo não se responsabiliza pelos dizeres.

Acerca da definição da qualidade do idioma aprendido na escola bilíngue, só temos duas alusões a elas no início do texto em que a autora pontua que o inglês é sem sotaque e de fácil expressão e entendimento. A sua preocupação reside em definir as escolas bilíngues, E2b, e as características das crianças bilíngues, priorizando não só a constatação de um inglês de qualidade, mas também de um tipo de escola que pode trazer maiores ganhos cognitivos aos alunos, ou seja, desenvolvimento mais amplo do estudante, como mostrado no E2c.

E2c: Se antes o público dessas escolas era praticamente todo estrangeiro, hoje é, em sua maioria, composta de brasileiros interessados em uma formação mais ampla.

4.12- A comparação

No texto 1, as comparações ocorrem, principalmente, entre a aprendizagem da segunda língua por crianças e adultos.

E1b: O primeiro deles é que essa constitui a fase **mais favorável** à aquisição de uma segunda língua sem sotaque, pois justamente nesse período de crescimento acelerado o cérebro está formando suas estruturas nervosas básicas. Depois disso, o processo se torna gradativamente **mais doloroso**.

E1c: Uma pesquisa feita por especialistas da Universidade de São Paulo (USP) com adultos que haviam travado contato prolongado com o inglês em tenra idade mostra a **diferença**. Esses adultos conseguiam distinguir com naturalidade as minúcias de pronúncia (...).

E1d: **Assim**, é **menos trabalhoso** acionar o idioma armazenado naquela região e o cérebro gasta menos energia para fazê-lo. A fala flui, então, naturalmente.

E1e: Um adulto pode alcançar a mesma fluência da criança no uso de um idioma estrangeiro? Pode, mas essa habilidade estará sempre condicionada ao uso frequente do idioma aprendido tardiamente, que, **ao contrário do que** ocorre no cérebro da criança, estará armazenado em uma região neuronal **menos conectada** com a fala.

E1f: Até serem pronunciadas, as palavras estrangeiras precisam percorrer uma distância **muito maior** no cérebro de quem iniciou já adulto o aprendizado de uma segunda língua.

E1g: O próprio Genesee relativiza as coisas ao valer-se de um estudo no qual **comparou os**

diversos métodos de aprendizado de uma segunda língua. Ele concluiu que, depois de um intercâmbio de um ano em um país estrangeiro, jovens que até então sabiam apenas o inglês elementar costumam **equiparar-se** a outros que passaram por escolas bilíngues. A única diferença é que, algumas vezes, o inglês que resulta da experiência é ligeiramente **mais carregado** no sotaque.

E1h: A boa notícia é que começar cedo é **melhor**.

E1i: Segundo especialistas, é tempo **mais que suficiente** para que aprendam o segundo idioma **como** em um processo de osmose, naturalmente- e com pouco ou nenhum sofrimento.

Nos oito excertos acima, os autores usam a comparação tanto qualitativa (E1b, E1c, E1d, E1e, E1g e E1h) quanto quantitativa (E1f, E1i) para provarem a tese de que o estudo de um outro idioma é melhor se iniciado em tenra idade. Os enunciadores discorrem, pois, sobre os benefícios de se aprender um segundo idioma na infância, a fim de ter a adesão do interlocutor à sua tese, o quanto mais cedo começar em uma escola bilíngue, melhor.

Ao se tratar da aprendizagem de uma segunda língua em idade adulta, há a associação desta com as palavras e expressões: mais doloroso (E1b), trabalhoso (E1d), grande distância a ser percorrida (E1f), mais carregado (E1g). Tais características se mostram contrárias ao que se objetiva no mundo moderno, a imediatez e o prazer, conforme os dizeres de Carmagnani (2008, p. 418):

esse tipo de argumento aparece em muitas (...) propagandas de escolas que parecem querer negar a necessidade de um investimento de médio e longo prazo para a aprendizagem de línguas. Tudo indica que o aluno hoje é alguém que não pode/não quer perder tempo. Não importa que ele seja necessário.

Em uma sociedade capitalista e utilitarista como a que nos inserimos “tempo é dinheiro (...) espécie de metáfora conceitual, no dizer de Lakoff e Johnson (1980), que já constituiu um valor simbólico internalizado, na sociedade atual” pontua Coracini (2007, p. 232). Há, então, a associação da aprendizagem de inglês em tenra idade com o prazer, nas palavras: melhor (E1h), mais favorável (E1b), menos trabalhoso (E1d) e até a palavra divertimento (E1j).

Em relação ao tempo, os autores mencionam, no texto 1, que as crianças das escolas bilíngues estudam, em média, sete horas diárias e no E1i, confirmam ser suficientes para que o estudante tenha fluência garantida por especialistas, no idioma. No caso de um adulto, estudar por tantas horas uma segunda língua se faz inviável, ao que se conclui que somente enquanto criança, o inglês aprendido poder ser perfeito.

Desse modo, o interlocutor é levado a matricular seus filhos em uma escola bilíngue. Do contrário, terá a certeza de que a criança não será tão bem sucedida (E2b) e terá bastante trabalho para aprender um idioma quando adulto (E1b a E1h), gerando o desejo de estar no lugar do outro, ou seja, possuir a fonte de prazer que o outro possui (CARMAGNANI, 2001, p.417).

E2f: Um aluno do segundo ano do ensino fundamental aparece no corredor da escola e desperta a atenção da coordenadora geral de inglês, que o interpela: “Shouldn’t you be in class? (Você não deveria estar na aula?)- “I’m gonna play now!” (agora eu vou brincar!), responde ele, indo para o recreio. Em seguida, uma menina ainda mais nova passa pela coordenadora, que pergunta: “Hello, what did you learn in class today?” (Olá o que você aprendeu na aula hoje?”), ao que ouve como resposta: “fossils” (fósseis).

No texto 2, o E2f corrobora com o texto 1, através de um exemplo, que mostra a possibilidade real de uma criança de pouca idade ser fluente no segundo idioma. O foco da autora não reside em comparar a aprendizagem de adultos e crianças, mas crianças

monolíngues e bilíngues, no entanto. A autora usa as comparações, em geral, para expor as razões científicas de como as crianças podem aprender outra língua sem confundir com a materna como mostrado no E2d, por exemplo.

E2d: Segundo a pesquisa, crianças bilíngues não apenas não confundem os dois idiomas que aprenderam, como tendem a se focar mais em tarefas e a desenvolver uma atenção melhor do que seus pares monolíngues.

4.13- Citação

O número de citações do texto 2, ao ser comparado ao texto 1, aponta um desequilíbrio. Enquanto o texto 1 apresenta nove citações sendo uma de um aluno de escola bilíngue, três de mães de alunos e o restante de autoridades, psicólogo, universidades e Ministério da Educação, no texto 2, há vinte citações, todas de profissionais ou instituições ligadas ao bilinguismo. As citações do texto 2 são mais longas que as do texto 1, ocupando boa parte do artigo.

Este desequilíbrio talvez possa residir no fato de que, ao escrever para uma revista especializada em Educação, a autora priorize as vozes de profissionais e instituições credenciados, seja por títulos ou estudos na área, a falar a respeito do bilinguismo de modo a se aprofundar no assunto, o que requer um nível maior de conhecimento. A autora inclusive cita a formação dos profissionais e a universidade ou instituto a que pertencem, conferindo maior credibilidade à fala deles, como no E2a.

E2a: A psicóloga Elizabete Flory, doutora em bilinguismo pelo instituto de Psicologia da USP, fez um levantamento de pesquisas no mundo todo sobre educação bilíngue e constatou que esses alunos apresentam vantagens cognitivas (...). Não dá para falar que ele aumenta a inteligência. Mas crescer falando duas línguas pode ter influências positivas em alguns aspectos da inteligência, frisa.

E1j: Aos 10 anos, Bruno Ferreira resume o pensamento dos colegas: "Inglês para a gente é divertimento".

E1k: Diz a mãe de Marcella: "Suas frases às vezes soam como uma salada de idiomas."

E1l: "Eles falam inglês no automático", conta a mãe.

E1m: Diz Gabriela: "Sei que com o inglês perfeito meus filhos estarão mais preparados para concorrer a um bom emprego no futuro."

Os jornalistas autores do texto 1 utilizam o testemunho do que é experimentado, ou seja, de alguém que é estudante de uma escola bilíngue (E1j) ou de mães que tem filhos matriculados em escolas bilíngues (E1l, E1m), o que se torna bastante persuasivo, já que os autores dão voz a quem vivencia a situação, ou seja, falam sobre seu cotidiano com propriedade e familiaridade. Já a autora do texto 2, usa as citações como argumentos de autoridade, para conferir um teor científico ao seu texto.

A ideia de aprendizagem natural é central no texto 1⁷. Os jornalistas autores escolhem o garoto de 10 anos como porta-voz de sua turma, priorizando a aprendizagem fácil ao utilizarem o vocábulo "divertimento", como se aprender fosse um processo espontâneo, "de osmose", em outras palavras, a "**passagem espontânea** de componentes de uma solução de uma membrana, do meio de maior para menor concentração" (FERREIRA, 1986, grifo nosso). O divertimento é contrário a trabalho em se aprender um segundo idioma, focando-se,

⁷ O mito da aprendizagem natural faz parte de um estudo de Coracini (2007) e é explorado em outro estudo realizado por mim "Yes, nós somos bilíngues": heterogeneidades e representações em um texto da revista *Veja* apresentado no IV Encontro Mineiro de Análise do Discurso da Universidade Federal de São João Del rei em maio de 2011.

novamente, a aprendizagem sem esforço e impecável (E1m), que a escola bilingue parece garantir. “Aprender uma língua estrangeira passa a fazer parte de um pacote repleto de pontos positivos (...) o cliente é constituído pelo discurso da qualidade total que permeia as relações profissionais em nossa sociedade” (CARMAGNANI, 2001, p. 124).

O E1k evidencia um dos casos que ficou aquém do previsto, entretanto, ao usarem tal relato negativo, escolhendo a fala de uma mãe relatando o aprendizado da filha que ficou aquém do esperado, nota-se o uso do modalizador **às vezes**, que aponta para certa atenuação da asseveração causada pela afirmação do enunciado anterior.

O E1m traz a crença, ou pode se dizer neste caso convicção demonstrada pelo uso do verbo saber, da mãe que tem dois filhos na escola bilingue, segundo o texto, partilhada por muitos pais de que saber inglês = bom emprego. A verdade da conclusão, um bom emprego, parece ser uma consequência lógica da premissa que a antecede, ser bilíngue. A mãe não enfatiza o fato de que saber falar uma língua estrangeira nos coloca em contato com novas culturas, novas pessoas, abre um grande leque de opções na vida. Ela prioriza o fator econômico do aprendizado, uma vez que silencia outros ganhos como os cognitivos mostrados no E2e.

E2d: Segundo a pesquisa, crianças bilíngues não apenas não confundem os dois idiomas que aprenderam, como tendem a se focar mais em tarefas e a desenvolver uma atenção melhor do que seus pares monolíngues.

E2e: A primeira é uma certa antecipação da consciência metalinguística- eles se dão conta de que o objeto tem palavras diferentes para representá-lo e diferenciam com qual língua falar com cada pessoa. Outro benefício é uma possível antecipação de pensamento cognitivo em cálculos. (...) crescer falando duas línguas pode ter influências positivas em alguns aspectos da inteligência.

A autora do texto 2 elenca certas vantagens cognitivas que podem acompanhar o bilinguismo dando voz às instituições: *Concordia University, York University e Université de Provence*, bem como à psicóloga Elizabete Flory, doutora em bilinguismo pelo Instituto de Psicologia da USP.

Em todas as citações do texto 2, a autora usa as palavras “constatou”, “afirma”, “aponta”, “frisa”, “ressalta”, “observa”, “conjectura”, “explica”, algumas exemplificadas no E2a e E2b, que confirmam, reforçam o que foi anteriormente dito pelas instituições supramencionadas, como uma conclusão ou percepção de algo pesquisado, estudado, oferecendo assim, a **prova** a favor do bilinguismo, exaltando ganhos intelectuais e não econômicos somente. A utilização de tais verbos para introduzir o discurso relatado é uma estratégia da autora para evidenciar que o locutor está seguro de seu conhecimento, de sua fala.

No texto 1, porém, os autores utilizam o verbo “dizer”, no E1k e E1m, considerado um verbo “aparentemente” neutro segundo M. Charolles (Apud MAINGUENEAU, 1997, p. 88), para introduzir as falas de duas mães, bem como o verbo contar (E1l), que evidencia um relato pessoal. Já os verbos “explicar”, “concluir” e “mostrar” são utilizados para iniciar a fala de pesquisadores do assunto, demonstrando que os mesmos apontam um julgamento baseado em estudos.

Os dois textos mencionam no subtítulo a questão da alfabetização em escolas bilíngues, a partir do que se pode inferir que isto é uma questão crucial ao se tratar deste tipo de escola. Porém, o texto 1 só tratará realmente do assunto na última parte do artigo (em dois parágrafos, em anexo) na qual denota um erro frequente de algumas escolas bilíngues brasileiras (alfabetização em duas línguas ao mesmo tempo).

O texto 2, no entanto, dedica uma página do texto a essa questão (3 parágrafos densos, em anexo), cujo subtítulo é “Alfabetização”. A autora cita várias autoridades para dar um panorama completo da questão, indo desde a descrição dos três tipos de alfabetização a

opiniões de vários especialistas no assunto. Ao mostrar todas as opções sendo defendidas por pontos de vistas diferentes, mas por especialistas, a autora deixa implícito que há uma vasta gama de opções cabendo aos pais pensarem bastante sobre o assunto e fazerem a melhor escolha. O texto 1, todavia, já direciona o interlocutor para a melhor escolha: primeiro se alfabetiza na língua do país onde moram e depois de um ano, lhes apresentam a segunda língua, como nas escolas do Canadá e Cingapura, que, segundo o texto, deviam servir de exemplo para as brasileiras.

4.14- A descrição narrativa

E2f: Um aluno do segundo ano do ensino fundamental aparece no corredor da escola e desperta a atenção da coordenadora geral de inglês, que o interpela: “Shouldn’t you be in class? (Você não deveria estar na aula?)”- “I’m gonna play now!” (agora eu vou brincar!), responde ele, indo para o recreio. Em seguida, uma menina ainda mais nova passa pela coordenadora, que pergunta: “Hello, what did you learn in class today?”(Olá o que você aprendeu na aula hoje?”), ao que ouve como resposta: “fossils” (fósseis).

O primeiro parágrafo do texto 2 mostra o que acontece nos corredores de uma escola bilíngue. Este diálogo constitui-se em uma prova de que o estudo em uma escola bilíngue pode ser eficaz, mesmo em tenra idade como nos dá a ideia os dizeres: “Um aluno do segundo ano do ensino fundamental...” e “Em seguida, uma menina ainda mais nova...”. O advérbio de adição “ainda” adicionado ao de intensidade “mais” intensifica e evidencia a tenra idade da criança bilíngue. Tal asserção vai de encontro ao que o texto 1 pontua desde seu título e subtítulo, como já mencionado.

Durante a leitura do texto 1, encontramos enunciados que enfatizam o fato de começar cedo ser o melhor comprovado por estudos, por exemplo, do E1b até o E1i. No último parágrafo do texto 2, a autora deixa falar a presidente da Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo, Ana Paula Mariutti “Muitos pais pensam que colocar o filho em uma escola bilíngue cedo não adianta porque ele não entende nada. Mas só aprendemos a língua quando somos expostos a ela”, ou seja, reforça-se que aprender inglês enquanto criança é justificado.

O efeito de exemplificação é provocado à medida que já na introdução do texto a autora apresenta uma figura do pátio de uma escola bilíngue e narra duas conversas entre alunos e professores/coordenadores a fim de permitir ao leitor se enveredar pelo mundo de uma escola bilíngue, que ainda não é tão conhecida devido a vários fatores entre eles o número reduzido de escolas do tipo. O Jornal Estadão de 22 de janeiro de 2010, mostra, na seção Educação, que o número de escolas bilíngues no Brasil era de 180 em 2009, época em que o texto 1 foi publicado.

Apesar de estar em crescimento e ser “um nicho educacional disputado, que se tornou sonho de consumo de famílias de classe média e alta” (JORNAL ESTADÃO, 2010) o valor da mensalidade de uma escola bilíngue é, em média, de R\$ 2500 mensais (Ibid, 2010), ainda se mostrando pouco acessível para a maioria do país uma vez que o salário mínimo nacional é de R\$ 545. Além disso, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnda) de 2009, a taxa de analfabetismo observada no Brasil foi 14,1 milhões de analfabetos de 15 anos ou mais (LEITE, 2010), sendo os textos direcionados a um grupo reduzido de brasileiros.

O custo elevado das mensalidades é tratado nos dois textos. No texto 1, aparece em dois momentos no início do texto: “A administradora de empresas Gabriela Ferreira paga para os filhos mensalidades de 2000 reais, o dobro das cobradas em escolas convencionais”; vêm também na última página do texto em um quadro que compara os modelos de escola bilíngue brasileira e de escola internacional, mostrando a variação de custos entre 1400 e 2000 reais. O fato de a mãe Gabriela Ferreira pagar para os dois filhos estudarem em escolas bilíngues é

seguido pelos E1l e E1m, em que vantagens, como falar inglês com fluência e ter mais chances para obter uma carreira de sucesso, são listadas. Em outras palavras, ao deixarem a mãe falar, os autores mostram uma relação custo-benefício lucrativa para os filhos, defendendo mais uma vez a matrícula na escola bilíngue.

Já o texto 2, não menciona os valores de mensalidades para este tipo de escola. Porém, a autora mostra exemplos de escolas monolíngues no Brasil que estão adotando o ensino bilíngue de forma gradativa e ao mencionar a escola *Systemic Bilingual*, cita que “um dos princípios é aumentar o custo o mínimo possível, para não haver muita diferença na mensalidade”. O uso do advérbio de intensidade **muita** reflete a grande diferença existente na atualidade nas mensalidades da escola bilíngue e da escola particular tradicional, no entanto nada mais é acrescido a essa informação.

4.15- A reiteração ou acumulação

Os autores elencam diversos argumentos em cadeia para justificarem sua tese de que é preciso celebrar o bilinguismo presente no título *Yes, nós somos bilíngues*: “Matricular os filhos em uma escola bilíngue é uma opção atraente para muitas famílias e que se justifica pela crescente inserção da economia brasileira no mundo globalizado”; o crescimento das escolas bilíngues no Brasil no período de dois anos; os pais querem que os filhos falem com mais naturalidade e eficiência. São vários argumentos para fundamentar a tese e suscitar nos pais de potenciais alunos a falta da segunda língua.

O uso do pronome **nós**, em *Yes nós somos bilíngues*, faz com que o sujeito argumentante se aproxime do destinatário e o chame a fazer parte deste grupo bilíngue. Os argumentos que se seguem mostram o porquê de ser motivo de comemoração o bilinguismo, incitando os pais a agirem de modo a optarem pela escola bilíngue baseados na acumulação de argumentos positivos.

A acumulação no texto 2 pode ser percebida no E2e, no qual a autora cita uma doutora em bilinguismo elencando os benefícios da educação bilíngue a fim de se comprovar a tese apresentada no subtítulo “Estudos comprovam que alunos bilíngues apresentam ganhos cognitivos...”. Porém há um momento em que a autora do texto tem uma fala divergente do que ela própria escreve no subtítulo, como mostra o E2h.

E2h: Elizabete aponta no entanto, que não é sempre que o bilinguismo é acompanhado de vantagens cognitivas: “ Não dá para falar que ele aumenta a inteligência. Mas crescer falando duas línguas pode ter influências positivas em alguns aspectos da inteligência”, frisa.

O subtítulo se constitui em uma afirmação comprovada por estudos criança bilíngue = ganho cognitivo, uma vez que usam o verbo **apresentam** sem nenhum modalizador. Não obstante, no Eh, a própria autora do texto usa a conjunção **nem** e o advérbio de tempo **sempre** para modalizar sua afirmação, não é sempre que o bilinguismo vem acompanhado de vantagens cognitivas, o que **pode** acontecer segundo enuncia a psicóloga, ou seja, criança bilíngue **pode ser** = ganho cognitivo .

Na parte intitulada “Cuidados”, a autora faz falar duas especialistas, uma da USP e outra da Unicamp, a fim de justificar o porquê da tese “É preciso ter cuidado ao se matricular o filho em uma escola bilíngue”, segundo o E2g.

E2g: O primeiro passo para matricular uma criança numa escola bilíngue deve ser a escolha de uma instituição com valores e filosofia com os quais os pais se identifiquem, recomenda Elizabete. Em seguida, é preciso checar a proficiência (...). Um terceiro ponto é observar se o aluno (...).

4.16- O questionamento

E1e: Um adulto pode alcançar a mesma fluência da criança no uso de um idioma estrangeiro? Pode, mas essa habilidade estará sempre condicionada ao uso frequente do idioma aprendido tardiamente, que, **ao contrário do que** ocorre no cérebro da criança, estará armazenado em uma região neuronal **menos conectada** com a fala.

No Ele, há um questionamento “Um adulto pode alcançar a mesma fluência da criança no uso do idioma estrangeiro?” Os autores, antes do questionamento, se utilizaram de depoimentos de pais, especialistas, que comprovam que a educação bilíngue é favorecida pelo aprendizado precoce. Pode-se destacar o valor de denegação desta pergunta, já que o questionamento propõe um argumento que é rejeitado antecipadamente. Mesmo que a resposta seja **pode**, a conjunção adversativa **mas** denota as dificuldades e uma língua não completamente perfeita.

Porém, há que se destacar que o questionamento visa incitar o fazer, em outros termos, “a questão coloca em evidência uma carência, uma insuficiência e solicita o preenchimento dessa carência” (CHARAUDEAU, 2009, p. 242). A carência é do saber de uma segunda língua enquanto adulto. Através dessa pergunta, o sujeito argumentante incita o interlocutor a concluir que “quanto mais cedo melhor”.

No texto 2, não há perguntas explícitas ao interlocutor. Entretanto, o título parece incitar um questionamento, como mencionado anteriormente: “Será possível uma criança pequena aprender dois idiomas?” Nesta situação há um questionamento que incita a verificação do saber, uma vez que a autora é conhecedora da resposta e encontra-se, segundo Charaudeau (2009), em uma posição dominante diante do questionado. Busca-se a adesão do interlocutor pela tese “É possível aprender dois idiomas com eficiência em tenra idade” o que já é demonstrado pela figura e pelo primeiro parágrafo, E2d.

5- Considerações finais

A finalidade comunicativa do texto 2 é apresentar estudos para que o interlocutor decida acerca da melhor escola bilíngue, enquanto a do texto 1 é direcionar o interlocutor para a melhor escolha. Ambos os textos trazem a língua inglesa, tanto no icônico como no verbal, como a segunda língua em foco.

A possibilidade de comparação dos textos, mesmo estando em revistas diferentes, adveio do fato de ambos estarem inseridos na parte de Educação. Enquanto no texto da *Veja*, os argumentos mostram uma escolha, já feita por parte dos autores, acerca do melhor para as crianças em relação ao bilinguismo, o texto da revista *Educação*, abre um leque extenso de possibilidades de escolha por parte dos interlocutores, utilizando-se de fontes especializadas.

Os autores do texto 1 trazem aspectos econômicos marcantes em sua fala, tais como sucesso na carreira, relação custo-benefício. O texto 2 prioriza os aspectos educacionais a respeito do bilinguismo e enfatizam os ganhos intelectuais.

Os dois textos buscam esclarecer o que é uma escola bilíngue, suas vantagens e percalços, a rotina da escola. No entanto, o texto 1 foi publicado em agosto de 2009 e o texto 2, em junho de 2011. O que se conclui é que, mesmo que o texto 1 traga em suas primeiras linhas a notícia do crescimento das escolas bilíngues de 25% em dois anos, a autora do texto 2, quase dois anos depois, ainda sente uma lacuna em relação à familiaridade, por parte da maioria dos leitores, a este tipo de escola e tenta, em seu texto, torná-la mais próxima, através da figura, da descrição narrativa que retrata o dia-a-dia dos alunos. Enfim, apesar do crescimento evidenciado no texto 1, a escola bilíngue ainda está distante de grande parte dos brasileiros.

No texto 1, as nove citações são não só de especialistas, mas também de pessoas comuns envolvidas pessoalmente com a escola bilíngue, provocando um efeito de persuasão pela experiência: “Eu falo por experiência própria”. No texto 2, há vinte citações, somente de especialistas no assunto. Assim, percebe-se que a proposta do texto 1 é promover a identificação entre o sujeito enunciativo e o interlocutor. Ao passo que o texto 2, busca na autoridade de quem é citado, os argumentos para seu texto, provocando um efeito de autenticidade “É verdade porque quem fala é especialista no assunto.”

6- Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. & TODESCHINI, M. *Yes, nós somos bilíngues*. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, ed. 2022, ano 40, n. 33, p. 101-103, 22 de agosto de 2007.

CAMARGO, P. *Yes, I do*. 30 de setembro de 2009. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/importancia-ingles-502301.shtml>. Acesso em 04 de junho de 2011.

CARMAGNANI, A. M. G. **A argumentação e o discurso jornalístico: a questão da heterogeneidade em jornais ingleses e brasileiros**. Tese de doutoramento. São Paulo. PUC: 1996.

CARMAGNANI, A.M.G. (Org) **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade**. São Paulo: Humanitas-SP, 2001

CARMAGNANI, A.M.G. O discurso da mídia sobre línguas estrangeiras e o desejo do lugar do outro. In: MAGALHÃES, José S. et alii (org.) **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

CASIMIRO, G. S. **A língua inglesa no Brasil: contribuições para a história das disciplinas escolares**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005.

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2007.

COSTA LEITE, P. M. C. **“Yes, nós somos bilíngues”: Heterogeneidades e Representações em um texto da Revista Veja**. In: IV EMAD- Encontro mineiro de análise do discurso da UFSJ, São João del rei: 2011, PROMEL- Programa de Mestrado em Letras/UFSJ.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Novembro de 2007. Acesso em: 18 de abril de 2011. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/117/118>

GUERREIRO, C. Dois idiomas, uma criança. In: **Revista Educação**. São Paulo: Segmento, 06/2011, ed. 170. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/formacao-docente/170/artigo234962-1.asp>. Acesso em 30 de junho de 2011.

JORNAL ESTADÃO. **Cresce procura por escolas bilíngues no País**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-procura-por-escolas-bilingues-no-pais,499839,0.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2011.

LEITE, L. **Pnad: DF tem maior percentual de adolescentes matriculados nas escolas**. 2010. Acesso em: 24 de abril de 2011. Disponível em: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil

MAINGUENEAU, D. **Tendências em análise do discurso**. São Paulo: Unicamp, 1997.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MORAES, R. A corrida pelo domínio da língua. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, ed. 2002, ano 42, n.9, p. 96-98, 4 de março de 2009.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do *repertório* português. In: Denice Barbara Catani; Maria Helena Camara Bastos. (Organizadoras). **Educação em Revista - a Imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

ROCHA, F. D. **Alternativo é a cultura**. 15 de julho de 2008. Acesso em: 02 de abril de 2011. Disponível em: <http://alternativoecultura.blogspot.com/2008/07/importancia-da-lingua-inglesa>

VENTURA, M. **Yes, nós também falamos inglês**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1989. Domingo, p. 34-39. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890423&printsec=frontpage&hl=pt->

TEMPLE, M. **Oxford Dictionary**. Oxford: Oxford University press, 2007.

7- Anexos

Anexo 1

Como em toda relação pai e filho, muitas vezes a ansiedade paterna em formar desde o berço um campeão de tênis ou um poliglota não é correspondida na forma de resultados práticos. A dona-de-casa Yara de Castro, 32 anos, ajuda a ilustrar essa situação. Com apenas 2 anos, sua filha, Marcella, já fazia a primeira incursão no inglês, matriculada em uma pré-escola bilíngue de São Paulo. Aos 8, depois que diagnosticou o desembaraço da filha no aprendizado do inglês, a mãe colocou-a na escola Miguel de Cervantes, onde a segunda língua é o espanhol. Ela sonhava, assim, fazer de Marcella uma criança trilingue. O resultado ficou aquém do esperado. Diz a mãe de Marcella: "Suas frases às vezes soam como uma salada de idiomas".

Um erro frequente em algumas das escolas bilíngues brasileiras é submeter as crianças a uma maratona que inclui a alfabetização em duas línguas ao mesmo tempo – prática que os especialistas repudiam por uma razão objetiva: em quase todos os casos, o excesso atrasa a escrita nos dois idiomas. Tais escolas deveriam copiar o que há décadas dá certo em países com mais de uma língua oficial, como Canadá e Cingapura. Nas escolas desses países, primeiro se alfabetizam as crianças na língua mais difundida na cidade onde elas vivem, para

só depois de um ano lhes apresentar a cartilha na segunda língua local. Foi assim no Brasil com os filhos da dona-de-casa Anete Paiva – e funcionou. Yasmin, 14 anos, Luca, 9, e Juan, 6, lêem bem em português e inglês.

Anexo 2

Mas se as pesquisas hoje sobre a educação bilíngue derrubaram o mito de que ensinar dois idiomas confunde as crianças, há um momento em que o diálogo entre as línguas é mais delicado na alfabetização, período em que a criança passa pelo processo de aprendizagem dos processos de codificação e decodificação da língua escrita. Quando a criança ingressa no ensino bilíngüe, a escola deve tomar alguns cuidados como escolher em qual dos dois idiomas vai introduzir a leitura e a escrita-ou se vai alfabetizar nas duas línguas ao mesmo tempo. Elizabete explica que há três tipos de alfabetização: a sequencial materna-segunda língua, a sequencial na segunda língua seguida da materna e a simultânea, na qual ambos os idiomas são ensinados. Para ela, ainda que a opção pela alfabetização sequencial seja mais confortável, a criança que fala duas línguas já está fazendo hipóteses de como vai fazer isso na segunda língua.

Selma Moura, doutoranda em linguística aplicada pela Unicamp e mestre em educação pela USP, é adepta da ideia de que a criança faz a transferência da alfabetização em uma língua para a outra, mas crê que este é um processo bilíngue e não simultâneo. “Não são duas alfabetizações, é uma só. Quando a criança entende o código da língua só vai fazer uma mudança, uma transposição de som”, observa. Elizabete ressalta que a transferência de conhecimentos entre línguas a partir de apenas um processo de alfabetização depende do segundo idioma. “Quanto mais próximas as línguas, mais existe a transferência do aprendido. Se for português e japonês, ou russo, ou árabe, a criança vai ter de construir também um outro sistema”, afirma Elizabete.

No Brasil, o mais comum tem sido a alfabetização no idioma materno, seguida de um processo natural de aquisição da segunda língua, sem a repetição do processo. “A alfabetização tem de acontecer na primeira língua, porque assim a criança levanta hipóteses sobre a escrita a partir do seu maior repertório, do seu contexto”, afirma Gabriela Argolo, coordenadora pedagógica da Play Pen. Para ela, o aluno que se alfabetiza uma vez só, em português, transfere as descobertas que fez no código dessa língua matriz para outra que aprenda depois. Na Escola Suíço-Brasileira, em São Paulo, a alfabetização começa pela língua materna, mas como existem alunos de 24 nacionalidades na instituição (60% brasileiros e 20% suíços), cada um é alfabetizado na sua língua materna, e não necessariamente no português. No primeiro ano, portanto, a criança é alfabetizada em sua língua materna, no segundo ano no alemão (ou no português, dependendo de sua nacionalidade), no sexto ano é introduzido o inglês, no oitavo ano, o francês e, no primeiro do ensino médio, o espanhol (a única língua optativa). “Todas as línguas são trabalhadas como ferramentas e não como línguas estrangeiras”, esclarece Bernhard Beutler, diretor da escola.